

## 'NÃO ME CHAME DE SENHORA, EU SOU FEMINISTA!'

### POSICIONALIDADE E REFLEXIBILIDADE NA PRODUÇÃO GEOGRÁFICA DE DOREEN MASSEY

**Joseli Maria Silva\***

Universidade Estadual de Ponta Grossa

**Marcio Jose Ornat\*\***

Universidade Estadual de Ponta Grossa

**Alides Baptista Chimin Junior\*\*\***

Universidade Estadual do Centro Oeste

**Resumo:** Este texto tem por objetivo evidenciar as influências da teoria feminista na produção geográfica de Doreen Massey. Para dar conta deste objetivo trago registros guardados em minha memória de nossa curta relação em finais de 2015 e início de 2016, bem como os elementos feministas que marcam suas mais notáveis contribuições científicas na geografia. Retomo as suas críticas em relação à compressão espaço-tempo no processo de globalização, suas proposições para superar a oposição entre espaço e lugar mostrando que a reflexão em torno de sua posicionalidade como mulher e feminista lhe possibilitaram a produzir uma imaginação geográfica que, sem dúvida, trouxe avanços conceituais nesse campo disciplinar.

**Palavras Chave:** Geografia Feminista. Posicionalidade. Espaço. Lugar.

#### **'Don't call me Ms, I'm a feminist!' Positionality and reflexivity in the Doreen Massey's geographic production**

**Abstract:** This text aims to evidence the feminist theory influences on Doreen Massey's geographic production. To achieve this goal, I bring memories of our short relationship in late 2015 and early 2016, as well as the feminist elements that mark her most remarkable scientific contributions to geography. I take up her criticisms of space-time compression in the process of globalization, her propositions to overcome the opposition between space and place, showing that the reflection around her positionality as a woman and feminist allowed her to produce a geographical imagination that, undoubtedly, has brought conceptual advances in this disciplinary field.

**Keywords:** Feminist Geography. Positionality. Space. Place.

#### **'No me llames de señora, yo soy feminista!' Posicionalidad y reflexibilidad en la producción geográfica de Doreen Massey**

**Resumén:** Este texto tiene por objetivo evidenciar las influencias de la teoría feminista en la producción geográfica de Doreen Massey. Para llevar a cabo este objetivo son expuestos registros guardados en mi memoria de nuestra corta relación a finales de 2015 e inicio de 2016, así como los elementos feministas que marcan sus más notables contribuciones científicas en la geografía. Retomo sus críticas en relación a la comprensión espacio-tiempo en el proceso de globalización, sus proposiciones para superar la oposición entre espacio y lugar mostrando que la reflexión en torno a su posicionalidad como mujer y feminista le otorgan la capacidad de producir una imaginación geográfica que, sin duda, ha traído avances conceptuales en ese campo académico.

**Palabras clave:** Geografía Feminista. Posicionalidad. Espacio. Lugar.

\* Doutora em Geografia - UFRJ, docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UEPG. E-mail: joseli.genero@gmail.com

\*\* Doutor em Geografia - UFRJ, docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UEPG. E-mail: geogenero@gmail.com

\*\*\* Doutor em Geografia - UEPG, docente do Departamento de Geografia - UNICENTRO. E-mail: alides.territoriolivre@gmail.com

## Introdução

Compartilhar com Doreen Massey os últimos dias de sua existência foi uma experiência emocionante, da qual eu, Joseli Maria Silva, jamais esquecerei. Quando cheguei na Inglaterra em 2015 para a execução da minha pesquisa de pós-doutorado realizei vários ensaios para entrar em contato com ela por telefone. Minha insegurança sobre o domínio do idioma, bem como a apreensão de não ser bem recebida por alguém que nutro profunda admiração intelectual me fizeram adiar o telefonema algumas vezes. Escrevi primeiramente um e-mail, pois a forma escrita me colocava em situação de maior conforto. Doreen Massey prontamente respondeu minha mensagem enviando seu telefone residencial, solicitando que lhe telefonasse para agendarmos um encontro. Tomei o telefone e minha primeira frase ensaiada, conforme as boas maneiras indicadas pelos meus livros de inglês, foi: *Can I speak with Ms<sup>1</sup>. Massey?* Ela mesma havia atendido ao telefone e respondeu: *Don't call me 'Ms', I'm a feminist!* Sua resposta me deixou desconcertada por alguns segundos e eu me recriminava por ter utilizado um pronome de tratamento que eu, como uma feminista, sabia que era polêmico.

Após este episódio sobre sua firme posição de ser uma feminista percebi em vários momentos de conversas a importância que esta identificação tinha para Doreen Massey. Um dia comentei o quanto ela e suas ideias sobre o espaço estavam se tornando reconhecidas nos cursos de pós-graduação no Brasil, em grande parte, graças à tradução do seu livro *For Space* para o português<sup>2</sup>. Ela perguntou se as pessoas aqui no Brasil lhe reconheciam como uma geógrafa feminista e eu disse que não. Em geral, as pessoas não fazem a associação entre suas teorias e sua posição identitária feminista o que, em uma academia sexista como é a brasileira, a não conexão trazia a vantagem das pessoas não criarem uma resistência prévia às suas proposições.

A conversa continuou e eu relatei a ela a primeira vez que a vi falar sobre sua identidade feminista e o constrangimento que tal posição causou para a audiência brasileira. Em 2005 em Fortaleza em um encontro da Associação Nacional de Pós-graduação em Geografia eu estava presente e muito ansiosa por ouvi-la. Lembrou-me com certo embaraço o momento em que ela se apresentou *'as feminist geographer'*. Várias pessoas ao

meu redor riram com desdém de seu posicionamento e lamentaram sua apresentação como se a característica de feminista diminuísse o valor de suas teorias.

Nós rimos juntas e lastimamos o quanto geógrafas feministas, em pleno século XXI, ainda assustam contextos acadêmicos sexistas. Doreen Massey repetiu várias vezes que sua imaginação geográfica e proposições teóricas eram, em grande parte, fruto de sua posicionalidade feminista e isso deveria ser conhecido no Brasil. Concordei e prometi que, sempre que tivesse oportunidade, falaria sobre isso à comunidade geográfica brasileira. Em onze de março de 2016 tínhamos um encontro e quando liguei para sua casa para confirmação, alguém me comunicou sua morte.

Desde então me senti com uma dívida com Doreen Massey, a de evidenciar sua posicionalidade feminista em suas teorias e agradeço a Rogério Haesbaert a possibilidade de realizar a tarefa prometida por meio desse texto que fará parte de um dossiê em sua homenagem. Com os companheiros do Grupo de Estudos Territoriais (GETE), Marcio Ornat e Alides Baptista Chimin Junior, construímos esta reflexão com o objetivo de marcar a identidade feminista de Doreen Massey como elemento de suas proposições conceituais na geografia. O texto está organizado em duas seções. Na primeira parte discutimos os elementos que caracterizam a prática das geografias feministas, associando a posição de Doreen Massey sobre a produção científica e o fazer feminista. Na segunda parte do texto são estabelecidas as conexões entre suas críticas em relação à compressão espaço-tempo no processo de globalização, suas proposições para superar a oposição entre espaço e lugar com sua clara posicionalidade como geógrafa feminista.

## Geografia feminista é mais do que estudar gênero

Há sem dúvida uma confusão entre estudar gênero na geografia e produzir geografias feministas. Doreen Massey tinha clareza sobre este aspecto. Para ela, ser uma geógrafa feminista não remetia diretamente à temática de gênero e abordar gênero nas pesquisas geográficas não estava diretamente vinculada ao fazer científico feminista. O feminismo na prática acadêmica é uma perspectiva subversiva mais ampla e em sua ideia era possível ser uma geógrafa feminista sem, propriamente, abordar gênero. Sua atuação no movimento político feminista durante os anos 70 produziu uma perspectiva de transformação da sociedade que vai além de estudar gênero, como pode ser visto em um trecho de depoimento de Doreen Massey em uma entrevista desenvolvida na

<sup>1</sup>Desde a década de 60 o mundo anglófono adotou o pronome genérico 'Ms' para substituir os anteriormente utilizados: 'Mrs' (para mulheres casadas) e 'Miss' (para mulheres solteiras). Embora eu tivesse utilizado o pronome 'Ms' para me referir a uma pessoa com notoriedade no universo acadêmico, o pronome é polêmico e irrita muitas mulheres feministas que consideram todos esses pronomes de tratamento para mulheres associados ao poder patriarcal, pois os termos derivam etimologicamente da expressão 'Mistress of the House'.

<sup>2</sup>Trata-se do livro *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*, publicado no Brasil em 2008.

Universidade de Glasgow<sup>3</sup>:

Existem diferentes maneiras de fazer geografia feminista e formas absolutamente valiosas de ser uma acadêmica feminista. Minha preferência, o que não significa que eu pense que todos deveriam fazer isso, não foi estudar gênero como tal. O feminismo ia além do gênero. O feminismo na década de 1970 era sobre uma nova sociedade, uma nova maneira de ser, uma nova maneira de organizar as coisas. Isso é uma luta política mais ampla. Quero ter feministas em todos os lugares, na física nuclear, na geomorfologia, na geografia humana, etc. Estudando tudo como uma feminista, não apenas estudando mulheres ou gênero. Então eu fui bastante resistente ao trabalhar com gênero. Isso não significa que outras pessoas não deveriam fazê-lo<sup>4</sup>.

Para Doreen Massey ser uma geógrafa feminista implicava pensar o conhecimento, as relações políticas e de poder que eram inerentes ao processo de constituição da imaginação geográfica e de seu processo de legitimação. Ela se dedicou a pensar conceitos geográficos como espaço, lugar, região, desafiando as formas de pensar de seu tempo.

Seu trabalho inspirou outras geógrafas feministas britânicas como Gillian Rose que produziu *Feminism & Geography: The Limits of Geographical Knowledge* (1993) e Linda McDowell que escreveu *Gender, Identity and Place: understanding feminist geographies* (1999). Ambas as obras desenvolvem caminhos conceituais e metodológicos, evidenciando que a identidade feminista da geografia se constitui no processo de fazer científico.

A geografia feminista parte do pressuposto de que a ciência é produzida por seres humanos em seu cotidiano e, portanto, o conhecimento gerado é relacional ao tempo e espaço próprios do cientista. Sendo assim, uma das grandes críticas da corrente epistemológica feminista é sobre o mito da existência de um olhar que tudo vê, que tudo explica e que não pode ser visto, produzindo uma espécie de verdade universal, popularmente conhecido no meio feminista como sendo o *god trick*<sup>5</sup>. McDowell e Sharp (1997) argumentam que a ideia da universalidade do conhecimento difundido como neutro é apenas um conjunto de ideias sobre a verdade da humanidade que foi especificamente masculino. Sendo assim, como afirma Rose (1993), não se pode negar que o conhecimento

sempre foi generificado, mesmo que masculino. Reconhecer a criação e legitimação das hegemonias de saberes corporificados é um traço fundamental da geografia feminista.

As geografias feministas reconhecem a ciência geográfica por meio da análise da ação de pessoas, de seus instrumentos de pesquisa, ideologias, culturas, e assim por diante. Os princípios e enunciados jamais são considerados como fora de embates e medição de forças e interesses, ou seja, o científico é sempre político. A ação de conhecer baseia-se nas epistemologias escolhidas que estão nas entranhas dos processos de pesquisa e isso precisa ser assumido, discutido e colocado de forma transparente em uma perspectiva feminista.

Doreen Massey considerava a força da epistemologia e como os modelos conceituais construam a realidade. Ela usava o termo 'imaginação' para discutir as teorias que são formuladas e balizam as formas como lidamos com a realidade. Ao discutir a imaginação geográfica construída sobre a globalização, por exemplo, ela argumenta sobre "a importância de sempre estar consciente das relações de poder e isso significa considerar ambos, no sentido das relações de poder nas esferas sociais que estamos examinando e no sentido das relações de poder incorporadas no sistema de saber-poder que as nossas conceituações estão construindo"<sup>6</sup>. (MASSEY, 1999, p. 27).

Uma pesquisa geográfica feminista, como argumenta McDowell (1992), deve considerar a metodologia. Não basta incluir gênero como tema de investigação geográfica. Nem toda pesquisa que leva em consideração o gênero ou, ainda, que é realizada por uma mulher pode ser considerada uma pesquisa norteada pelas epistemologias feministas.

Os corpos importam nas experiências espaciais e também nas práticas de pesquisa. Esse aspecto é incontestável e deve ser considerado no processo de reflexibilidade. Mas a relação direta entre corpos e identidades feministas não é simples. A ideia de Haraway (1988) a respeito do 'conhecimento situado e corporificado' advoga contra todas as formas de conhecimento que não são localizáveis. Alerta ela que, da mesma forma que as feministas criticaram as visões totalizantes de realidade que não consideravam as posições de vários grupos sociais e se colocavam como única autoridade científica, o relativismo de um conhecimento subalterno, que se coloque como única versão da realidade, também é uma posição limitada e estreita. Para ela, a alternativa às totalizações não é o relativismo, mas os saberes parciais, localizados, críticos, que formem redes de conexões e articulem a política e a epistemologia.

<sup>3</sup>Em 02 de julho de 2009 Doreen Massey participou da celebração do Centenário da Geografia na Universidade de Glasgow e nessa oportunidade concedeu uma entrevista ao Grupo de Pesquisa de Geografia Humana.

<sup>4</sup>There are different ways of doing feminist geography and absolutely valued ways of being a feminist academic and my preferred tack, which isn't that I think everybody ought to do this, has been not to study gender as such. Feminism was about more than gender. Feminism in the 1970s was about a new society, a new way of being, a new way of organising things; it is a bigger political struggle. I want to have feminists everywhere, in nuclear physics, in geomorphology, in human geography etc. Studying everything as a feminist, not just studying women or gender. So I was quite resistant to doing gender. That doesn't mean other people shouldn't. (MASSEY, et al, 2009, p. 7)

<sup>5</sup>Esta expressão metafórica foi criada por Donna Haraway (1988) para criticar a posição de arrogância da ciência ocidental moderna como 'olho que tudo vê'. Uma visão usada para distanciar o pesquisador de tudo e todos para manter o poder. A autora descreve essa posição da visão científica como um 'truque de deus', colocando o cientista como um observador onisciente.

<sup>6</sup>"(...) the importance always of being aware of power-relations. And this is meant both in the sense of the power-relations in the social spheres we are examining and in the sense of the power-relations embedded in the power-knowledge system which our conceptualizations are constructing". (MASSEY, 1999, p. 27)

Haraway (1988) chama a atenção para a fantasia e a ilusão do conhecimento produzido pelas feministas que fazem de seu ponto de mirada a única possibilidade de verdade, colocando-se como autoridades científicas por estarem localizadas na subalternidade. Apesar de ser fundamental que subalternizados produzam suas versões da realidade, é preciso considerar que nenhuma posição está isenta de críticas e tampouco é uma visão inocente e sem interesses. Haraway (1988) alerta para a ilusão de se considerar a versão subalternizada como única verdadeira e a mais próxima da verdade. As versões subalternas são mais atraentes justamente por parecem explicar fenômenos de forma mais firme e, assim, figuram como difíceis de serem contestadas e negadas. Para ela, a totalização e o relativismo são faces da mesma moeda porque ambos negam o interesse nas suas posições corporificadas e parciais da realidade. Como alternativa para a produção do conhecimento que escape tanto da totalização como do relativismo, ela diz:

Então, com muitas outras feministas, quero argumentar por uma doutrina e prática de objetividade, que privilegie a constatação, a desconstrução, a construção apaixonada, as conexões em rede e a esperança de transformação de sistemas de conhecimento e das formas de ver. Mas nenhuma perspectiva parcial o fará. Devemos ser hostis aos relativismos fáceis e holismos construídos somando e incluindo partes. O "desapego apaixonado" exige mais do que o reconhecimento e parcialidade autocrítica. Nós também estamos obrigados a procurar perspectiva daqueles pontos de vista, que nunca podem ser conhecidos antecipadamente, que prometem algo extraordinário, que é o conhecimento potente para a construção de mundos menos organizados por eixos de dominação.<sup>7</sup> (HARAWAY, 1988, p. 585).

O conhecimento posicionado proposto por Haraway (1988) implica reconhecer nossa capacidade de produzir um saber que se faz de determinada situação e de se responsabilizar por ele, sendo capaz de explicitar cada ação investigativa. Assim, para ela, a política e a ética são as bases das contestações sobre aquilo que pode ser concebido como conhecimento. Do contrário, a autoridade científica é simplesmente uma ilusão projetada de maneira abrangente, vinda de lugar nenhum. A ideia do conhecimento parcial e posicionado é um importante avanço para as epistemologias feministas.

Ackerly e True (2010, p. 25) sustentam a ideia de que a "epistemologia é um sistema de pensamento que nós usamos para distinguir fato de crença. Uma epistemologia é ela mesma um sistema de crenças sobre o que constitui

conhecimento, evidência e argumento convincente."<sup>8</sup> Assim, segundo elas, a produção de um conhecimento que seja considerado feminista segue determinados princípios éticos a serem levados em conta durante as práticas de pesquisa. Uma pesquisa feminista está comprometida metodologicamente com a reflexibilidade sobre: (1) a força da epistemologia, (2) as fronteiras e limites, (3) as relações e as (4) múltiplas dimensões da localização do pesquisador e suas interações no processo de pesquisa. O comprometimento metodológico tem como fundamento a prática da pesquisa como instrumento de transformação da ordem social para a promoção da justiça de gênero. Segundo elas, a reflexão crítica sobre esses quatro aspectos e sua interdependência permite trazer para a visibilidade a provisionalidade e a contingência dos dados de pesquisa, e a construção do processo de pesquisa implica relativizar as fronteiras e limites de conceitos que foram essencializados a fim de buscar os caminhos transformadores. Os quatro aspectos de reflexão propostos por Ackerly e True (2010) sobre as pesquisas feministas são detalhados a seguir.

A força da tradição da epistemologia é um dos aspectos a serem enfrentados por aqueles que realizam pesquisas geográficas feministas. O corpo teórico e metodológico deve ser cuidadosamente refletido e desafiado. É o corpo teórico e metodológico de um campo científico que cria as invisibilidades de certos fenômenos e grupos sociais e não a realidade em si. As mulheres, negros, indígenas, homossexuais e assim por diante vivem espacialmente na vida cotidiana. Portanto, a abordagem feminista precisa duvidar das bases epistemológicas que criam e sustentam a invisibilidade e recriar conceitos e métodos que possibilitem a análise geográfica desses grupos e não apenas aceitar sua ausência na geografia porque não são considerados seres geográficos, conforme argumenta Silva (2009). É preciso desconfiar que um campo científico seja de tal forma por causa de uma essência qualquer, mas entender que foi assim constituído porque é fruto de forças e privilégios que são mascarados por conceitos e métodos aparentemente neutros, objetivos e imparciais. Uma geografia feminista questiona conceitos e métodos que podem mascarar diferenças, desigualdades e dominações, e luta contra as universalizações.

O cuidado com as fronteiras e os limites é outro aspecto a que uma geografia feminista deve estar alerta, e isso está relacionado com a questão da força da tradição epistemológica. A teoria estabelecida e legitimada pela tradição cria fronteiras analíticas que limitam as possibilidades e a forma como nós concebemos nossas questões e problemas de pesquisa. As estruturas oposicionais e binárias, com fronteiras e limites, muitas vezes são os fatores que criam e perpetuam as ausências

<sup>7</sup>So, with many other feminists, I want to argue for a doctrine and practice of objectivity that privilege constataion, deconstruction, passionate construction, webbed connections, and hope for transformation of systems of knowledge and ways of seeing. But not any partial perspective will do; we must be hostile to easy relativisms and holisms built out summing and subsuming parts. 'Passionate detachment' requires more than acknowledged and self-critical partiality. We are also bond to seek perspective from those points of view which can never be known in advance, that promise something quite extraordinary, that is knowledge potent for constructing worlds less organized by axes of domination. (HARAWAY, 1988, p. 585).

<sup>8</sup>An epistemology is the system of thought that we use to distinguish fact from belief. An epistemology is itself a belief system about what constitutes knowledge, evidence, and convincing argument. (ACKERLY e TRUE, 2010, p. 25).

e silêncios de determinadas geograficidades.

Enfim, uma pesquisa feminista tem o dever de pensar que os limites e fronteiras que são estabelecidos pela tradição epistemológica não são dados, mas são humanamente construídos, gerando consequências na visibilidade de determinados grupos sociais. As geografias feministas devem estar atentas para encontrar as lacunas e as razões das ausências, reinventando formas de conceber a realidade espacial por meio do tensionamento dos conceitos e métodos já concebidos. Logicamente, a prática de pesquisa implica a realização inevitável de recortes da realidade, e isso está relacionado com o estabelecimento de limites. Contudo, uma pesquisa feminista deve ser consciente das responsabilidades sobre as intenções e as consequências das escolhas metodológicas e dos efeitos que tais escolhas podem gerar.

A atenção às relações envolvidas no processo de pesquisa é fundamental para uma pesquisa feminista.<sup>9</sup> A relação de poder entre o/a pesquisador/a e os/as outros/as participantes da pesquisa são elementos a serem considerados na produção dos dados. A ideia de não utilizar a denominação 'objetos de pesquisa' ou 'pesquisadas/os' relaciona-se com a convicção de que os grupos que são alvo da investigação não são passivos no processo de pesquisa, mas atuantes na sua produção. Portanto, as características que envolvem esta relação devem ser consideradas no processo metodológico porque fazem parte da produção dos resultados possíveis de serem produzidos. É a relação que produz a pesquisa, e não o/a pesquisador/a ou os/as participantes considerados de forma isolada ou oposicional. Uma pesquisa comprometida com os princípios feministas precisa considerar a relação e os impactos que a pesquisa pode trazer para todos os/as participantes e seus contextos, primando por construir um modelo de análise que resguarde o respeito.

O cuidado com a reflexão em torno da localização do pesquisador e suas interações no processo de pesquisa é importante para qualquer pesquisador/a, seja qual for sua abordagem epistemológica. Mas para uma pesquisa feminista é fundamental que o/a pesquisador/a se coloque como ativo/a na produção do conhecimento e reflita como sua própria posição sociopolítica de privilégios estabeleceu as dinâmicas específicas com os outros participantes da pesquisa, resultando no saber que se fez coletivamente. Como a pesquisa feminista considera que o conhecimento é sempre situado, a flexibilidade é uma prática indispensável (ROSE, 1997).

A geografia feminista implica que o/a pesquisador/a se pergunte de que forma sua própria posição afeta sua metodologia, revisitando suas escolhas e relações

políticas em cada estágio do processo de pesquisa. Portanto, não há uma receita de passos para construir uma pesquisa geográfica feminista, mas princípios que regem práticas investigativas. A pesquisa feminista se faz com comprometimento da atenção com a força da tradição epistemológica, o cuidado com os limites e fronteiras teóricas e metodológicas que moldam nossa maneira de pensar a geografia e perpetuam silenciamentos, ausências e marginalizações, a preocupação com o contexto relacional da investigação e a coragem de nos situarmos no processo investigativo, cultivando a flexibilidade sobre todos os aspectos anteriores, que são interdependentes entre si.

Todos os quatro aspectos anteriormente discutidos podem ser claramente reconhecidos na obra de Doreen Massey. Embora ela tenha trazido o gênero como foco de vários de seus estudos, inclusive no início dos anos 80, ela foi além disso. Trouxe em sua prática de vida acadêmica e produção conceitual sua posicionalidade feminista.

### **Estabelecendo as conexões das contribuições teóricas de Doreen Massey para a geografia e sua posicionalidade como geógrafa feminista**

Doreen Massey é uma das poucas mulheres citadas no livro *Key thinkers on space and place* publicado por Hubbard, Kitchin e Valentine (2004). Essa obra possui o status de uma enciclopédia que serve como uma ferramenta para auxiliar profissionais da área da geografia a consolidar o conhecimento dos pontos-chaves de desenvolvimento teórico da geografia no contexto anglófono. Ali são apontados autores/as influentes no campo científico daquele contexto, suas biografias resumidas e as principais críticas e proposições conceituais. Callard (2004) ao explorar a biografia de Doreen Massey e o contexto teórico de sua produção científica, não marca sua trajetória como uma geógrafa feminista. Contudo, ela mesma, na entrevista realizada em 2009 na Universidade de Glasgow, quando questionada sobre as influências intelectuais sobre sua produção científica ela argumenta:

Bem, elas [referindo-se às influências] não são intelectuais e isso é o que é tão interessante. Eu nunca trabalhei assim. Eu fui questionada sobre isso anteriormente e eu não consegui dizer se houve pessoas ou autores em especial que tenham me iluminado nessa direção. Isso foi bem mais, e isso pode ser em parte um produto de uma geração específica da qual eu fiz parte. Aquele estímulo sobre as coisas, o motivo para fazer perguntas sobre as coisas e as formas como os debates foram enquadrados, resultaram do fato de eu fazer parte dos movimentos políticos. Se isso aconteceu [referindo-se às influências] no final dos anos 60 e 70 com o surgimento do marxismo, do feminismo, da libertação sexual ou do tipo de coisas que aconteceram mais recentemente,

<sup>9</sup>Este aspecto não é exclusivo das epistemologias feministas, sendo uma reflexão importante, sobretudo no campo da antropologia e do método etnográfico.

geralmente isso se dá pelo envolvimento com a política. Então, muitos dos meus principais pontos de referência foram debates urgentes provocados por coisas assim [referindo-se aos movimentos políticos]<sup>10</sup>.

Ao refletir sobre sua trajetória intelectual no momento da entrevista em Glasgow 2009, Doreen Massey traz uma reflexão sobre sua posicionalidade, elemento fundamental para pensar a produção do conhecimento em uma perspectiva das epistemologias feministas, conforme argumentam Ackerly e True (2010). O trecho que segue é ilustrativo de sua flexibilidade em torno de sua condição como mulher, envolvida no movimento feminista que, apesar de buscar o marxismo como fonte de inspiração teórica, sua posicionalidade feminista trazia conflitos, até seu encontro com Althusser. A obra de Althusser possibilitou a ligação de sua existência como mulher feminista e a teoria marxista, constituindo assim um caminho particular de produção teórica:

Eu li muito Marx e Engels e participei de muitas dessas discussões e achei muito, muito difícil me considerar marxista. Mesmo que em um nível visceral em termos de querer pensar as políticas de classe, eu sabia que estava 'daquele lado', lendo Marx não me convencia e acho que, anos depois, eu percebi que muitas de minhas dúvidas tinham ocorrido pelo fato de que estávamos, naquele ponto, concentrando no início de Marx e em coisas em torno da natureza humana, da ideologia alemã e assim por diante, e, como feminista, não conseguia aderir a essas ideias. Muito disso era muito, muito essencialista sobre as divisões sexuais do trabalho, divisões 'naturais' do trabalho, todo esse tipo de coisas continuavam aparecendo. A família heterossexual era tratada de forma totalmente não problematizada e, mesmo naquela fase, eu não tinha intenção de fazer parte de uma daquelas ideias. Então achei muito, muito difícil de aderir ao marxismo. E então, veio Althusser. (...) Althusser insistia que tudo era sempre um produto do que veio antes disso. E se isso é verdade, então nada está dado. Então, qualquer coisa pode ser alterada: sua frase famosa que eu repeti em vários dos meus trabalhos é 'não há ponto de partida'. E isso, absolutamente, como uma jovem mulher que estava tentando escapar das normas, que não estava em conformidade com nenhuma das descrições de 'mulher', e que queria uma maneira de desafiá-las, foi a primeira entrada no anti-essencialismo, embora eu não conhecesse esse termo e nenhum de nós conhecia esse termo naquele tempo, foi absolutamente importante<sup>11</sup>.

<sup>10</sup>Well they aren't intellectual, and that is what is so interesting. I have never quite worked like that. I have been asked this question before and I couldn't say that there have been particular people or authors that have been guiding lights in that sense. It has been more, and this may be in part a product of the particular generation I have been part of, that the stimulus to stuff, the reason for asking questions and the ways in which debates got framed, have come out of being part of political movements. Whether that has been in the late 60s and the 70s with the emergence of Marxism, feminism, sexual liberation or the kind of stuff that has happened more recently, and more generally an engagement with politics. (MASSEY, et al, 2009, p. 4)

<sup>11</sup>I read a lot of Marx and Engels and took part in a lot of those discussions and found it very, very difficult to count myself as a Marxist. Even though at a gut level in terms of wanting to think class politics I knew I was 'on that side', reading Marx was not convincing me and I think years later I realised a lot of that doubt had been about the fact that we were, at that point, concentrating a lot on early Marx and stuff around human nature, the German Ideology and so forth, and as a feminist I couldn't buy it. So much of it was so very, very essentialist about the sexual divisions of labour, 'natural' divisions of labour, all this kind of stuff kept coming up. The heterosexual family was treated completely unproblematically and even at that stage I had no intention of being part of one of those. And so I found it very, very difficult to buy into Marxism. And then along came Althusser. (...) Althusser insisted that everything was always a product of what came before it. And if that is true then nothing is given. So anything can be changed: his famous line which I have repeated in a number of my works is 'there is no point of departure'. And that absolutely, as a young woman who

Se a reflexividade sobre as múltiplas dimensões da localização do pesquisador no processo de produzir conhecimento é um claro exercício de Doreen Massey, outros elementos indicados por Ackerly e True (2010) sobre as epistemologias feministas podem ser identificados em sua produção, como a consideração da força da tradição epistemológica, a necessidade de questionar as fronteiras e limites estabelecidos, bem como considerar que todo conhecimento é relacional.

A obra *Spatial Divisions of labour: social structures and the geography of production* (MASSEY, 1984) traz alguns importantes elementos sobre o reconhecimento de Doreen Massey sobre a força da tradição epistemológica e a necessidade de enfrentá-la. O pensamento relacional oriundo de suas bases marxistas foi refinado e permaneceu como um importante elemento em toda sua produção acadêmica. Nessa obra Doreen Massey trata o espaço como inerente às relações de produção capitalista em várias escalas e constitui a ideia da diferença regional como imbricada com dinâmicas de produção. Com essa perspectiva ela enfrentou a ideia de limites estabelecidos e fronteiras que responsabilizavam as próprias regiões de forma isolada pelas suas diferenças internas, classificadas em uma linha imaginária de progresso como sendo bem ou malsucedidas. Há mais de trinta anos, argumentar que as regiões estavam atreladas aos sistemas de organização espacial das relações de produção capitalistas e que as diferenças regionais eram inerentes a esse processo, era considerada uma ideia inovadora, apesar de hoje parecer óbvia.

Ainda nessa obra é possível observar Doreen Massey se afastando do marxismo clássico que explicava os espaços a partir de fenômenos universalizantes de organização produtiva. Ela tratou o espaço para além da concepção usual da época, que compreendia os lugares como resultado dos fluxos de capitais, como coisas passivas aos processos globais. Sua teoria espacial está entrelaçada de forma contundente com as ideias feministas que lutavam contra os processos explicativos universais (*god trick*) que impediam a visibilidade das diferenças (HARAWAY, 1988). Nessa obra, mesmo que as relações de classe tenham recebido atenção especial, suas conexões com gênero e raça foram consideradas, evidenciando que há elementos ideológicos para além do econômico que criam hierarquias e diferenças.

Doreen Massey rejeita a ideia de universalidade de processos produtivos, da visão dual e oposicional entre local e global, bem como refuta a concepção de progresso e/ou atraso nas análises sobre desenvolvimento de diferentes locais. Para ela os espaços estão interconectados e com essa visão cria as ideias que,

was trying to escape the norms, who didn't conform to any of the given descriptions of 'woman', and who wanted a way of challenging them, that first entry into anti-essentialism, although I didn't know that term, none of us knew that term at that point, was utterly important. (MASSEY, et al, 2009, p. 4-5)

durante os anos 90, foram foco de inúmeras discussões, 'geometrias de poder' e 'espaço-tempo'.

Um dos pressupostos mais importantes das epistemologias feministas é o questionamento das fronteiras e dos limites estabelecidos que são capazes de recortar a realidade de forma a produzir determinadas visibilidades e compreensões da realidade. As feministas sempre questionam os recortes e como se estabelecem as fronteiras e oposições a fim de produzir outras perspectivas de análise, notadamente trazer para o debate as invisibilidades. Esta perspectiva feminista pode ser reconhecida na sua proposição sobre 'geometrias do poder'.

A ideia de 'geometrias do poder' Doreen Massey desconstrói o dualismo na interpretação entre o espaço e o lugar, entre o local e o global. Em *Global sense of place* artigo publicado por Massey (1991a), ela afirma que as geometrias do poder são entendidas como diferentes formas de relações de fluxos e interconexões entre diferentes grupos e indivíduos, evidenciando assim a forma como a compressão do espaço-tempo da globalização afeta pessoas de diversas maneiras. Ela argumenta que não se trata de ver o local em oposição ao global, mas co-constituintes e posicionados em campos distintos de relações de poder. O mundo interconectado é uma realidade em que é necessário questionar a forma como a conectividade se estabelece e isso envolve pensar nem o local em si, e nem o global, mas a forma e a natureza da geografia das relações de poder que tecem os dois juntos. O local-global são co-constituídos nas geometrias do poder e isso remete à necessidade de estabelecer a política, o que leva à ideia de que nada está dado ou determinado unicamente pelas forças econômicas abstratas.

O olhar feminista de Doreen Massey é aguçado para observar as diferenças e lutar contra as homogeneizações fáceis, da ideia de um mundo global conectado onde impera a compressão espaço-tempo. Ela argumenta que a compressão espaço-tempo precisa ser analisada a partir do ponto de vista da diferenciação social, trazendo muitos exemplos que envolvem classe, gênero e raça que posicionam grupos de forma distinta em tal processo – o que ela chama de geometrias de poder:

Existem diferenças no grau de movimento e comunicação, mas também no grau de controle e iniciação. As formas como as pessoas são colocadas dentro da 'compressão espaço-tempo' são altamente complexas e extremamente variadas. Mas isso, por sua vez, levanta imediatamente questões de política. Se a compressão tempo-espaço pode ser imaginada na forma mais socialmente formada, socialmente avaliadora e diferenciada, então pode haver aqui a possibilidade de desenvolver uma política de mobilidade e acesso. Pois parece que a mobilidade e o controle da mobilidade refletem e reforçam o poder. Não é simplesmente uma questão de distribuição desigual, que algumas pessoas se movem mais do que outras, e que algumas têm mais

controle do que outras. É que a mobilidade e o controle de alguns grupos podem enfraquecer ativamente outras pessoas. A mobilidade diferencial pode enfraquecer a alavancagem do já fraco. A compressão tempo-espaço de alguns grupos pode prejudicar o poder de outros<sup>12</sup>. (MASSEY, 1991a, p. 4)

A visão relacional, desconstrutora de dicotomias e oposições, o questionamento das tradições epistemológicas e das relações de poder inerentes à produção conceitual (todos elementos que constituem as epistemologias feministas) foram base de um polêmico artigo escrito por ela, *Flexible Sexism* (MASSEY, 1991b). Neste texto Doreen Massey teceu uma das mais eminentes críticas de duas obras geográficas monumentais do final dos anos 80, *Condition of Postmodernity* de David Harvey (1989) e *Postmodern Geographies* de Edward Soja (1989). Em 2009, em seu depoimento em Glasgow, ela foi questionada sobre as razões de escrever tal artigo tão controverso e sua resposta expressa sua identidade feminista:

A razão pela qual eu fiz 'Sexismo flexível' foi em parte apenas raiva pura e visceral. Eu não sei se as pessoas sabem, mas este foi um artigo que publiquei há muito, muito tempo atrás, mas os tipógrafos eram tão incapazes de aceitar o título do artigo, que o cabeçalho foi definido como 'Sistemas Flexíveis' ou algo assim. (...) E a outra razão para o 'Sexismo Flexível' estava relacionada a isso [referindo-se à necessidade de subversão aos cânones estabelecidos] e acho que devemos atacar as cidadelas<sup>13</sup>. Estes foram dois grandes livros, todos achavam que eles eram maravilhosos e, em muitos aspectos, ambos eram. Mas eles também me pareciam ser totalmente, inconscientemente, profundamente, sexistas. E eu só queria atacar onde as fontes de poder estavam em termos das vozes dentro da geografia; então eu o fiz<sup>14</sup>. (MASSEY, et al, 2009, p. 7).

O artigo *Flexible Sexism*, posteriormente, figurou como um capítulo do livro *Space, place and gender*, publicado em 1994 em que Doreen Massey se dedica ao estabelecimento das conexões complexas entre espaço, lugar e as relações de gênero, evidenciando o papel da geografia na compreensão da construção de ideias que

<sup>12</sup>There are differences in the degree of movement and communication, but also in the degree of control and initiation. The ways in which people are placed within 'time-space compression' are highly complicated and extremely varied. But this in turn immediately raises questions of politics. If time-space compression can be imagined in that more socially formed, socially evaluative and differentiated way, then there may be here the possibility of developing a politics of mobility and access. For it does seem that mobility, and control over mobility, both reflects and reinforces power. It is not simply a question of unequal distribution, that some people move more than others, and that some have more control than others. It is that the mobility and control of some groups can actively weaken other people. Differential mobility can weaken the leverage of the already weak. The time-space compression of some groups can undermine the power of others. (MASSEY, 1991a, p. 4)

<sup>13</sup>O termo 'cidadelas' é uma metáfora utilizada por Doreen Massey para representar espaços acadêmicos cercados para manutenção de seu poder.

<sup>14</sup>The reason I did 'Flexible Sexism' was partly just pure, visceral anger. I don't know whether people know, but this was an article I published a long, long time ago, but the typesetters were so incapable of taking on board the article's title, that the running head was set as 'Flexible Systems' or something like that. (...) And the other reason for 'Flexible Sexism' was related to that and that is I think we ought to attack the citadels. These were the two big books, everybody thought they were wonderful, and in many ways they both were. But they also seemed to me to be utterly, unconsciously, deeply, sexist. And I just wanted to attack where the sources of power were in terms of the voices within geography; so I did. (MASSEY, et al, 2009, p. 7)

são culturalmente específicas no espaço-tempo.

O texto *Flexible Sexism* traz com toda força os elementos das epistemologias feministas para sustentar as críticas de Doreen Massey (1991b) à Harvey (1989) e Soja (1989). Já no início do artigo ela esclarece que o texto não se propõe a realizar uma revisão completa das obras escolhidas, *Condition of Postmodernity* e *Postmodern Geographies*, mas iniciar um debate em torno de uma questão específica que foi despertada para ela: o feminismo. Muito importante ressaltar que ela entende aqui o feminismo como algo mais amplo do que a ideia de gênero, mas em um movimento científico e político que há muito já avançava para além das ideias modernas.

Assim, para ela, as duas obras que se comprometiam a discutir modernidade/posmodernidade na geografia eram, no mínimo, sexistas, na medida em que nenhuma delas considerou uma literatura já produzida anteriormente pelas feministas, sendo simplesmente desprezada. Três direções de argumentos criados por Doreen Massey (1991b) podem ser verificados.

A primeira crítica é que ambos os autores, Harvey e Soja, assumem a universalidade de subjetividades e processos sociais. Os sujeitos apresentados por esses autores são descorporificados em termos de raça e gênero, sendo que os autores assumem um sujeito genérico, que é ocidental, masculino, branco e heterossexual como modelo para a generalização de suas teorias. Para Doreen Massey, livros que se aventuraram a discutir a pós-modernidade, deveriam contemplar sujeitos que não fossem protagonistas da modernidade.

A segunda linha de críticas às referidas obras se baseia na ignorância dos autores da produção científica feminista que tratava da pós-modernidade. Ambas as obras apresentam como 'descobertas' ou 'novidades' muitos aspectos que já haviam sido antecipados na literatura feminista. Um exemplo dado pela autora é a ideia do conhecimento situado já trabalhada por Haraway (1988). Segundo Doreen Massey a ignorância desses autores sobre elementos que não eram mais novidades está baseada na sua desconsideração das vozes femininas na produção científica.

A terceira linha de críticas sobre ambas as obras em foco é a consideração simplista de que as relações de poder e políticas estão apenas em torno do capitalismo, deixando de lado outras importantes dinâmicas de sexismo, racismo e homofobia, reduzindo tais processos com simples efeitos secundários do sistema capitalista. Doreen Massey entende que essas outras dinâmicas não podem ser analisadas como sub-produtos, mas componentes dos processos de produção e reprodução social.

Massey (1991b) acusa ambas as obras de uma narrativa completamente coerente e fechada,

apresentando uma historicidade linear, impedindo a emergência de outras vozes e contradições e defende a ideia da necessidade de contempla as diferenças. Além disso, a linguagem utilizada nas obras em discussão por ela evidencia que o 'olhar' que conta na narrativa é universalizado pelo autor. Ela argumenta que os autores reduzem as 'suas' versões sobre a modernidade a uma biografia do capitalismo e isso faz com que estruturas como o patriarcado apareçam apenas como acessórios, já que a centralidade está pautada no sistema de capital. Massey (1991b) ainda menciona que Harvey (1989) considera as políticas feministas como sendo de escopo limitado, pois são consideradas de caráter local, enquanto as relações de classe são consideradas por ele de caráter global. Doreen Massey revela que ambos os autores, Harvey e Soja, utilizam sua posição 'magistral', a partir das experiências como *flâneurs*, de arrogar o olhar panóptico e arrogante de tudo poder explicar de modo universalizante, sem considerar as posições de outros grupos e locais.

O texto crítico de Massey (1991b) recebeu muitas respostas, inclusive do próprio David Harvey (1992), com um artigo sob o título *Postmodern morality plays*. Doreen Massey enfrentou os debates e como feminista, sabia o poder que as narrativas hegemônicas possuem de excluir outras versões de realidade, produzidas por outras pessoas ou grupos marginais. Assim, ela manteve sua postura crítica para desafiar os discursos monolíticos e criar possibilidades de debates. Quando questionada em 2009 em Glasgow sobre a situação entre o sexismo e o espaço acadêmico, ela argumenta:

Eu tive muita sorte que a Open University seja bastante progressiva. Mas, nas universidades e instituições acadêmicas, em geral, permanece um esquecimento penetrante das questões do sexismo. A desconsideração das mulheres, simplesmente não nos vendo ou ouvindo, ainda continua. E de forma mais contraditória, para se juntar a eles [referindo-se às posições masculinas] em comitês 'importantes' (auto-importantes), para jogar o jogo, você ainda (depois de todo esse tempo) tem que jogar de um determinado modo (pomposo, excessivamente sério, auto-congratatório, competitivo - embora de uma maneira muito 'civilizada!'). Isso é contrário a tudo o que o feminismo deve defender. Há também uma questão que me preocupa recentemente. E a questão é como nós - e isso deveria incluir homens também - anti-sexistas, geógrafos/as feministas, acadêmicos/as, deveríamos abordar questões fora da academia também<sup>15</sup>. (MASSEY, et al, 2009, p. 7)

Suas palavras denotam a responsabilidade que o

<sup>15</sup>I have been lucky in that the Open University is pretty progressive. But in universities and academic institutions more generally there remains a pervasive oblivion to issues of sexism. The discounting of women, simply not seeing or hearing us, still goes on. And more contradictorily, to join them on 'important' (self-important) committees, to play the game, you still (after all this time) so often have to play in a way (pompos, overly serious, self-congratulatory, competitive - though in a very 'civilised' way!) that is counter to everything feminism should stand for. There is also one issue that has been troubling me just recently. And that is how we as - and this would include men as well - anti-sexist, feminist geographers, academics, should be addressing issues outside of the academy also. (MASSEY, et al, 2009, p. 7)

saber acadêmico possui na transformação social e, principalmente, a necessidade do espaço acadêmico ser compreendido pelas pessoas que fazem parte dele, produzindo outras geometrias de poder, capaz de impulsionar os grupos menos favorecidos em suas posicionalidades.

comunicar seu profundo equívoco teórico e metodológico.

## Considerações finais

Escrever este artigo evidenciando a identidade feminista de Doreen Massey foi uma imensa satisfação para nós do Grupo de Estudos Territoriais (GETE). Não apenas por cumprir uma tarefa prometida à nossa querida Doreen Massey, mas por trazer para as geometrias de poder que formam os espaços acadêmicos a potência das epistemologias feministas por meio das proposições teóricas de Doreen Massey.

Ao realizar as conexões das epistemologias feministas às teorias espaciais que ela realizou durante mais de trinta anos cumprimos a tarefa de evidenciar que a ciência, os enunciados e a forma como tecemos nossas imaginações geográficas estão embebidas de experiências concretas.

Enfim, àqueles que hoje admiram e utilizam as teorias de Doreen Massey, mas desprezam a importância das epistemologias feministas nas transformações do discurso científico geográfico, temos o imenso prazer de

## Referências

ACKERLY, Brooke; TRUE, Jacqui. *Doing feminist research in political & social science*. New York: Palgrave Macmillan, 2010.

CALLARD, Felicity. Doreen Massey. In: HUBBARD, Phil; KITCHIN, Rob; VALENTINE, Gill (Eds). *Key thinkers on space and place*. London: SAGE Publications, 2004, p. 219-225.

HARAWAY, Donna. Situated knowledges: the science question in feminism and the privilege of partial perspective. *Feminist Studies*, v. 14, n. 3, p. 575 - 599, 1988.

HARVEY, David. *The Condition of Postmodernity*. Oxford: Blackwell, 1989.

HARVEY, David. *Postmodern morality plays*. *Antipode*, v. 24, n. 4, p. 300 - 326, 1992.

HUBBARD, Phil; KITCHIN, Rob; VALENTINE, Gill. *Key thinkers on space and place*. London: SAGE Publications, 2004.

MASSEY, Doreen. *Spatial Divisions of labour: social structures and the geography of production*. London: Palgrave MacMillan Press, 1984.

MASSEY, Doreen. Global sense of place. *Marxism Today*, v. 6, p. 24 - 29, 1991a.

MASSEY, Doreen. Flexible sexism. *Environment and Planning D: Society and Space*, v. 9, n. 1, p. 31 – 57, 1991b.

MASSEY, Doreen. *Space, place and gender*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.

MASSEY, Doreen. A global sense of place. In: MASSEY, Doreen. *Space, place and gender*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994, p. 146 - 156.

MASSEY, Doreen. Imagining Globalization: Power-Geometries of Time-Space. In: BRAH, Avtar; HICKMAN, Mary; J. GHAIL, Máirtín Macan. (Eds). *Global Futures. Migration, Environment and Globalization*. London: Palgrave Macmillan UK, 1999, p. 27 - 44.

MASSEY, Doreen; Human Geography Research Group; BOND, Sophie; FEATHERSTONE, David. Featherstone. The Possibilities of a Politics of Place Beyond Place? A Conversation with Doreen Massey. *Scottish Geographical Journal*, v. 125, n. 3 - 4, p. 401 - 420, 2009.

MASSEY, Doreen. Pelo espaço: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MCDOWELL, Linda. Doing gender: feminism, feminists and research methods in human geography. *Transactions of the Institute of British Geographers*, v. 17, n. 4, p. 399 - 416, 1992.

MCDOWELL, Linda. *Gender, Identity and Place: understanding feminist geographies*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.

MCDOWELL, Linda; SHARP, Joanne. *Space, gender, knowledge: feminist readings*. London: Arnold, 1997.

ROSE, Gillian. *Feminism & Geography: the limits of geographical knowledge*. Cambridge: Polity Press, 1993.

ROSE, Gillian. Situating knowledges: positionality, reflexities and other tactics. *Progress in Human Geography*, v. 21, n. 3, p. 305 - 320, 1997.

SILVA, Joseli Maria. Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista à geografia eurocêntrica. In: SILVA, Joseli Maria (Org.). *Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades*. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009, p. 25 - 54.

SOJA, Edward. *Postmodern Geographies*. London: Verso, 1989.